

---

## ENUNCIÇÃO

### Revista do Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFRRJ

---

#### Sobre linguagem: “folhas da florescência”!

Carlos Roberto Guimarães\*

 <https://orcid.org/0000-0001-6816-7171>

**Resumo:** Existe uma palavra para dizer o que seja a linguagem? No diálogo “*De uma conversa sobre a linguagem entre um pensador e um japonês*” é apresentada uma expressão oriunda do mundo oriental cujo sentido pretende nos colocar mais próximos deste misterioso fenômeno: *koto ba!* A partir do sentido evocado por esta expressão, este texto pretende fazer uma reflexão sobre a essência da linguagem.

**Palavras-chave:** Linguagem; *koto ba*; ser-aí

**Abstract:** *Is there a word to say what language is? In the dialogue “From a conversation about language between a thinker and a Japanese” an expression from the eastern world is presented, whose meaning intends to bring us closer to this mysterious phenomenon: koto ba! Based on the meaning evoked by this expression, this text intends to reflect on the essence of language.*

**Keywords:** *Language; koto ba; being-there*

#### Introdução

O tema da revista diz: “Linguagem: o que é isso”? A pergunta contém um aparente paradoxo... Queremos saber o que é isso, a linguagem... Todavia, nos utilizamos de palavras, isto é, fazemos uso da própria linguagem para formularmos a pergunta. Mas, então, qual o seu sentido? Uma pergunta sobre a linguagem não é, ela mesma, formulada a

---

\* Professor adjunto do Departamento de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Santa Cruz. e-mail: [betorrancho@yahoo.com.br](mailto:betorrancho@yahoo.com.br)

partir da linguagem? Sendo assim, de algum modo, já nos movemos na linguagem e, por isto mesmo, sabemos o que ela seja!

Mas será que a questão se dissipa, assim, tão facilmente? Basta-nos o fato de respirarmos para sabermos, seguramente, o que seja o ar? Basta-nos sentir o calor do sol para sabermos, à vera, o que seja o sol? Evidente que a questão não se resolve assim, tão simploriamente. A precipitação de tais respostas funda-se em uma equivocada compreensão da pergunta. Ora, a pergunta não indaga o que é isto, a linguagem, enquanto mero instrumento de comunicação... A pergunta não quer saber o que é isto, a linguagem... Mas sim saber qual o seu fundo! Qual a gênese disso, a linguagem? Qual a sua essência? Com isto, reformulamos a pergunta: qual o fundo – a proveniência – disso, a linguagem?

Ora, o fundo, a gênese da linguagem precisa ser uma dimensão que, de algum modo, retém a proveniência de tudo o que dali provém, brota. O fundo da linguagem ou, o que é o mesmo, a dimensão arcaica de toda palavra possível precisa ser, ela mesma, uma palavra. Todavia, justamente por ser fundo/gênese, tal palavra vigora sempre enquanto retração, velamento – silêncio – e, por isto mesmo, permite o brilho de toda palavra possível. Ou seja: tal palavra, embora permeie e sustente todo dizer possível, ela mesma se vela, não se permite ser dita! A palavra desde onde brotam todas as palavras possíveis diz: a palavra de todas as palavras. Mas, que palavra é esta? É possível uma palavra que nomeie tal palavra? Uma palavra para “linguagem”.... Uma palavra que nomeie a palavra que não se deixa dizer (!)... Palavra arcaica, fundante – gênese – de todo dizer possível!

## I

A linguagem é a flor da boca. Nela, a terra floresce em direção ao rebento  
do céu.  
Heidegger

Pois bem, a partir dessa breve introdução, uma questão se faz legítima: é possível uma palavra que nomeie esse vigor, ou, dito de outro modo, existe uma palavra para

nomear a palavra-rebento, isto é, aquela que é o principiar – germinar – de todo dizer possível, o que significa: de tudo o que é?

O que se procura é uma palavra que se aproxime desse não dizer, de modo a nos fazer entrever, a partir de um dizer manso, cauteloso e, sobretudo, silencioso, isto que não pode ser dito! Uma palavra cuja delicadeza nos possibilite ouvir, através dela, o barulho do silêncio! É possível uma palavra para aquela que é, por excelência, a palavra de toda palavra possível? No texto “*De uma conversa sobre a linguagem entre um pensador e um japonês*” surge uma expressão oriunda da cultura oriental que poderia, ao menos, resvalar nesse fenômeno arcaico. Uma expressão cujo sentido e delicadeza nos possibilita auscultar o barulho surdo que é o vigor de realidade se realizando, brotando – florescendo! É certo que o próprio Heidegger já tivera proposto, através do termo *saga*, uma palavra para linguagem. No entanto, nos parece que a expressão veiculada pelo japonês no referido diálogo – *Koto ba* – não só complementa o esforço de Heidegger, como também nos toca de uma forma diferente. A sonoridade do termo, bem como a delicadeza do fenômeno a que se refere – “folhas da florescência” – nos convida a renunciar qualquer anseio de compreendê-lo objetivamente, como se o mesmo fosse um conceito ou definição para a linguagem. Não se trata disto. Despojados dessa pretensão podemos, então, visualizarmos a silhueta do impronunciável que, através dele, se insinua. Vejamos um trecho crucial dessa instigante conversa:

“P – Qual a palavra japonesa para a linguagem?

J – É *koto ba*

P – Mas o que ela diz?

J – *Ba* evoca as folhas, sobretudo as folhas da floração. Pense na floração da cerejeira e da ameixeira.

P – E o que diz *koto*? [...]

[...] P – *Koto* seria o vigor do acontecimento...

J – e daquilo que recomenda a proteção de tudo que floresce e desabrocha.

P – O que diz então *Koto ba*, como nome para a linguagem?

J – Escutando, a partir desta palavra, a linguagem é: folhas da florescência, vindas de *koto*. (HEIDEGGER, 2003, p. 111, 112)

Linguagem é, pois, *ba* – folhas da florescência – vindas de *koto*. *Koto*: “o vigor do acontecimento... e daquilo que recomenda a proteção de tudo que floresce e desabrocha”. Mas, o que é que, desde *koto*, floresce e desabrocha? É a própria linguagem ou, as folhas da

florescência e, junto, todo ente por elas iluminado. Porém, *koto* também concerne àquilo que “recomenda a proteção” disso que floresce e desabrocha. Quer dizer: junto a isso que floresce e desabrocha é recomendada a proteção. Ora, a linguagem, ou, as folhas da florescência devem ser guardadas e protegidas pelo campo aberto onde elas encontram o espaço para o florescimento. Esse campo aberto é o ser-aí, o jardineiro protetor dessas folhas da florescência. Nesse campo/abertura, as flores florescem, ou, no ser-aí, as palavras florescem, rebentam e, desse modo, tecem o jardim do mundo. As palavras rebentam na medida em que, através da sua boca, brotam, desabrocham, florescem! “A palavra é o rebento da boca” (HEIDEGGER, 2003, p. 164). Somente o homem fala porque apenas ele possui boca, ou somente ele é o oco – a abertura – desde onde as palavras eclodem. Somente a partir da boca do homem surgem (florescem) as palavras, isto é, as folhas que, com sua florescência, iluminam o mundo. Boca não diz, simplesmente, o órgão de tagarelice e consumo. Se pensada nos limites desse sentido, ela restringe-se à abertura dianteira do tubo digestivo dos animais. No entanto, enquanto pertencente à dimensão ontológica do ser-aí, boca<sup>1</sup> é o âmbito desde onde surgem, rebentam, florescem, as flores – as palavras. A palavra é a flor da boca: “Chamando-se a palavra de rebento e flor da boca, escutamos o som da linguagem emergir terrena. De onde? Do dizer e de sua saga, em que se oferece o mundo como um deixar aparecer” (HEIDEGGER, 2003, p. 164). Desde *koto* surgem, então, *ba*: as folhas da florescência. Junto a elas surge, também, a recomendação para a proteção de “... tudo que floresce e desabrocha”. Na recomendação emerge, também, o recomendado, a saber, o ente possuído pelo oco, pela abertura/boca que acolhe e, nesse acolher, deve protegê-las. O homem deve proteger a flor da boca. O homem é o campo de floração das “folhas da florescência” vindas de *koto*. É isto que, desde *koto*, é recomendado! Proteger a flor da boca significa: não deixá-la perder-se na publicidade da tagarelice. É preciso o respirar sereno para que a flor não seja expelida pela boca, no automatismo da informação. É necessário que a palavra/flor desabroche, segundo sua necessidade e, somente então, mansa e silenciosamente, ela desprende-se da boca, ganhando mundo. Não é a boca que deve determinar quando e o que falar. Antes, é a

---

<sup>1</sup> São sinônimos de boca: abertura, princípio, oportunidade, ocasião. Para desabrocharem, as flores de florescência carecem da abertura – a oportunidade/ocasião. Elas precisam da boca ou daquele ente possuído pela boca.

palavra que, a partir dela mesma, se diz, brotando, então, desde a abertura/boca. Não se deve, de modo algum, arrancar, à força, uma flor do campo. Arrancá-la, desse modo, significa tê-la já murcha, entre as mãos. Arrancá-la, desse modo, significa perdê-la! Antes, faz-se preciso deixar em suspenso – à disposição – a mão aberta, acolhedora e, paciente, esperar que a flor se solte, mansamente e, somente assim, acolhê-la, protegê-la! Ou seja: não é a boca que detém o poder da fala. Fosse isso, os cães já teriam superado seu latido. É a palavra que requisita e determina a abertura/boca para, através dela, florescer. Mas, com isto não se corre o risco de não se ter muito o que dizer? A pergunta é capciosa. Como toda pergunta, ela nos direciona para que todo o empenho da nossa atenção seja canalizado para a busca de uma resposta. Com isto, passa-nos despercebido aquilo que, na pergunta, já é dado como certo e verdadeiro. Ou seja: em sua formulação, ela contém uma premissa que não foi decidida: quem arbitrou que “não ter muito o que falar” é um risco? Com que direito se afirma isto?

Muito longe de ser um risco, “não ter muito o que dizer” pode aproximar o homem da dimensão ontológica da linguagem. Essa dimensão é sua casa, seu ninho silente. No aconchego desse ninho o homem se aquieta e, por fim, deixa-se contaminar com sua ambiência que é puro apelo ao silêncio! Embriagado por essa ambiência, ele se silencia. Silenciando-se, ele se assenta naquilo que é, qual seja: o silencioso campo de florescimento das “folhas da florescência vindas de *koto*”. Somente assim –silenciando-se – é que o homem se faz a ocasião, a abertura, o campo aberto e fecundo – a boca – para que a linguagem, “a flor da boca”, a partir daí, floresça, fale. Por isso dissemos: muito distante de ser um risco, não ter muito o que dizer aproxima o homem dessa condição ontológica que o constitui...O homem não fala: é a linguagem – a flor da boca – que, a partir dele, aflora, desabrocha, fala! Ou seja: é preciso que a boca freie a tagarelice de dizer o que deseja dizer e se deixe tomar somente por aquilo que requisita, através dela, ser dito. Mas, para isso, é necessário ouvir aquilo que, desde *koto*, requisita ser dito. Só assim acolhemos o que nos é recomendado – enviado, destinado! Mas, quando é que ouvimos aquilo que requisita ser dito? Quando é que nos fazemos campo para a florescência do que deve florescer? E mais: o que é que requisita ser dito? O que é que requisita fazer-se florescer?

Ora, o que requisita ser dito são as folhas, quer dizer, as palavras e, junto, os entes por elas nomeados. Elas – as palavras – requisitam a abertura/boca, o âmbito de acolhimento e proteção para emergirem e, somente assim, podem ser ditas! Elas – as folhas – requisitam o campo aberto e fecundo para serem acolhidas, protegidas e, somente assim, florescerem! Folhas/palavras e campo/boca/abertura constituem a irrupção súbita de realidade ou o vigor de realidade se realizando! Assim tece-se vida, realidade, e o zelador desse segredo! Segredo que vigora no silêncio constitutivo deste zelador! Assim tece-se toda a florescência e o campo acolhedor, protetor desse segredo! Segredo que vigora no solo escuro constitutivo desse campo!

No entanto, com isto não se respondeu, ainda, ao questionamento: quando é que escutamos esse movimento de realização de realidade? Quando é que escutamos as “folhas da florescência vindas de *koto*”? As folhas da florescência vindas de *koto*, ou o vigor de realidade se realizando, não é um fenômeno acabado, no sentido de referir-se a algo que ocorreu no passado e, nesse sentido, resta, desde então, obsoleto! Não é isto! A realidade continua, sempre, realizando-se... As folhas, vindas de *koto*, continuam florescendo, assumindo o espaço do campo fecundo e fazendo-se jardim – mundo. Trata-se de um acontecimento sempre atuante – um constante acontecendo. Uma vez que o homem também floresce desde *koto*, isto é, ele é o ente recomendado para a proteção disto que floresce, significa, então, que esse fenômeno é um acontecimento que acontece nele, o ser-á, ou, o “acontecendo-da-existência” – o campo fecundo desde onde emergem as “folhas da florescência vindas de *koto*”. Sobre um jardineiro que cuida de um jardim podemos, sem embargo, afirmar: ele habita este jardim! O homem mora nesse “acontecendo” – nessa florescência! O homem pertence a esse “acontecendo”. Se é assim, é legítimo presumir que o homem está sempre na sua escuta. Com isso, respondemos a pergunta: quando é que o homem ouve esse fenômeno, isto é, a realidade se realizando? Sempre! Independente de sua vontade, o homem está, sempre, nessa escuta... Ainda que ele não escute essa escuta!

Mas, o que se pretende, aqui, com esse jogo de palavras: Ainda que ele “não escute a escuta!”? É que nem sempre escutamos o que escutamos. Escutar o que se escuta significa: estar afinado, atento, disponível a isso que escutamos, de modo que sejamos, por isto, afetados, sacolejados. Com isso compreendemos a mãe que não acorda com o

foguetório de uma madrugada agitada, mas que desperta, sobressaltada, com o leve resmungo do filho no quarto ao lado. É evidente que ela escuta tanto o foguetório como o sussurro do filho. Mas, no caso do foguetório, ela não “escuta que está escutando” e, em função disso, o escutar fica aviltado, entulhado. É que ela não está à disposição, afinada a essa algazarra... Muito diferente é a relação da mãe com o leve choro do filho. Sempre afinada ao seu filho, a mãe não só escuta o seu choro, como também escuta essa escuta, de modo que é, por esse tímido gemido, despertada, assaltada.

Então é isto: pela sua constituição ontológica, isto é, por pertencer a esse fenômeno, a saber, ao movimento de realidade se realizando ou, dito de outro modo, por ser o campo fecundo recomendado a acolher as “folhas da florescência vindas de *koto*”, o homem está sempre em sua escuta. No entanto, nem sempre ele está atento, disponível, sintonizado com tal fenômeno ou nem sempre ele escuta essa escuta!

Voltar a afinar-se com essa escuta significa retornar ao nosso ninho silente – nossa morada. Com isto, assentamos novamente naquilo que somos: o silencioso e fecundo campo de florescência de vida – realidade! Urgem aqui algumas questões: quando é que perdemos a afinação ou a sintonia com tal escuta? E mais: como retornar?

## II

Talvez o que distingue a nossa época é ser-lhe inacessível a dimensão da  
graça. Talvez seja isto a única desgraça  
Heidegger

Terminamos o tópico anterior com dois questionamentos: quando é que perdemos a sintonia com aquilo que nos é mais íntimo? É possível retornar? Somos os entes tomados pelas “folhas da florescência vindas de *koto*”! Somos os entes constituídos pela escuta do apelo da realidade se realizando. Escutar diz: acolher. Mas vejam: acolher não é um mero colher... Acolher é um colher com cuidado, zelo! Somos, então, os entes cujo destino é zelar – escutar, acolher –, cuidar do vigor de realidade se realizando, ou somos recomendados – enviados – por *koto* para a proteção de “*tudo que floresce e desabrocha*”.

Somos o espaço, o campo de floração, a abertura/boca desde onde brotam as flores, as palavras!

Todo cuidar exige paciência... Isto porque o ritmo do cuidar não é regido por aquele que cuida, mas sim por aquilo que é o âmbito a ser cuidado. É esse âmbito que dita o ritmo e a cadência que o cuidador deve assumir. O desabrochar da rosa é que deve determinar a candura da mão que deve acolhê-la! Qualquer movimento fora dessa cadência será, sempre, desatino, descaminho – descuido. Para afinar-se a essa cadência é necessário colocar-se disponível e esperar... Ao campo fecundo cabe, tão somente, aguardar o florescer daquilo que deve florescer! Qualquer sobrançeria no sentido de sentir-se dono daquilo que dali floresce significa o endurecimento do que se é e, assim, o campo deixa de ser acolhimento e passa a significar solo/fundamento... Duro e sólido solo! Duro e sólido fundamento que, por consequência, se resseca na desertificação de uma subjetividade e, com isto, as flores não mais encontram guarida, acolhimento e, por fim, são expelidas! Por isto, reiteramos: paciência para se esperar que a própria palavra – a flor da boca – se solte, ganhe mundo. É preciso, pacientemente, esperar! Mas vejam: trata-se de um esperar sem ansiedade. Isto porque, mesmo com paciente espera, nada está garantido. Quer dizer: o esperar não deve, de modo algum, ser compreendido como uma estratégia ou método cuja eficácia garanta o acolhimento, a sintonia. Caso assim seja, abre-se espaço para uma subjetividade que seria, então, aquilo que exerce a espera. Não é isto. Não há, nesse esperar, sujeito algum que espere. Aquilo que espera é o ser-aí... E este não é alma e nem razão ou consciência, nem sujeito – o ser-aí não é coisa alguma. É, sim, o fecundo campo/abertura de floração de todo ente possível – pura abertura para possibilidades. Trata-se de uma espera que é, tão somente, um paciente “estar à disposição”. Dizemos paciente porque, nesse fenômeno, não se controla o que se espera. Não obstante, nesse simples colocar-se à disposição já vigora um certo cuidado! Tal qual a mulher grávida que não pode, de modo algum, apressar o instante do rebento. Foge à sua alçada o controle do tempo do nascimento. Cabe-lhe, tão somente, estar à espera, à disposição... Reiteramos: esse esperar já é, de antemão, um cuidar. Ela pacientemente espera, estando sempre à disposição, o que significa: na afinação para o momento sagrado do nascimento. Nesse

resguardo ela zela pelo tempo que permite o surgimento e crescimento do rebento: a flor-rebento!

Lembremos: o que aqui, nesse paciente zelo e resguardo se espera, coincide com aquilo que nos constitui. Devemos resguardar, estar em sintonia com aquilo que somos – a abertura/boca desde onde brota a flor – a palavra! Devemos resguardar, estar em sintonia com aquilo que somos – o campo fecundo desde onde brotam as palavras –: as flores! Mas, para isto, falta-nos paciência! Nesta falta de paciência, nos dissociamos daquilo que somos! Dissociado daquilo que ele é – o campo-espaco de florescimento de realidade –, o ser-aí faz deste campo o solo produtivo e extrai, à exaustão, todo produto possível! Com isto, o que floresce – a palavra – perde o frescor, enrijece e torna-se gramática dos gramáticos! Com isto, o que surge – a flor – perde a ternura, a delicadeza e, dissecada, torna-se mercadoria das floriculturas! Impacientes, produzimos o fruto fora do tempo, ou, como se costuma dizer, produzimos o fruto temporão. Impacientes, falamos sem que as palavras estejam suficientemente maduras! Impacientes, falamos sem ter o que dizer... Mas, aí, já não mais falamos: nos tornamos tagarelas! Perambulamos, distantes de *koto* e de sua recomendação e não mais auscultamos as folhas da florescência que, à revelia de tudo isto, continuam florescendo!

Falta-nos paciência. A paciência para assentarmo-nos naquilo que somos: a abertura, o livre campo das “*folhas da florescência vindas de koto*”... A abertura/boca protetora da palavra – a “flor da boca”.

As palavras – “flores da boca” – nos requisitam, nos assenhoram, tal qual um campo primaveril coberto, tomado – assenhorado – pelas flores. Na impaciência não permitimos que a palavra – “flor da boca” – brote desde sua própria medida. Impacientes, invertemos a relação e almejamos ser os donos das flores! Impacientes – tagarelas – expelimos as palavras em um desenfreado falatório. Vivemos na era da falação... Talvez, como posto em epígrafe deste tópico do texto, seja esta nossa desgraça – vivemos em um tempo em que vigora impaciente e desenfreado falatório:

Todavia, circula no planeta, de maneira desenfreada e hábil, um falatório, um escrever e uma transmissão de coisas ditas. O homem se comporta como se fosse o criador e o soberano da linguagem. A linguagem, no entanto, permanece a soberania do homem. Quando essa relação de soberania se inverte, o homem decai numa estranha mania de

produção. A linguagem torna-se meio de expressão. Enquanto expressão, a linguagem pode apenas ser rebaixada a simples meio de expressão. Cuidar do dizer, mesmo nessa manipulação da linguagem, é, sem dúvida, positivo. Contudo, só esse cuidado não basta para nos ajudar a retornar à verdadeira relação de soberania entre a linguagem e o homem. Em sentido próprio, a linguagem é que fala. O homem fala apenas e somente à medida que co-responde à linguagem, à medida que escuta e permanece ao apelo da linguagem” (HEIDEGGER, 2002, p. 167).

Eis a desgraça ou o descaminho, o desencanto. Inverte-se a relação: o ente que pertence à linguagem se assoberba de ser, ele, dono/proprietário. O jardineiro que pertence ao jardim se assoberba de ser, ele, dono/proprietário. O jardim torna-se, então, solo/fundamento para produção da flor, agora mercadoria das floriculturas. Flores que, agora, florescem segundo a impaciente medida imposta pelo jardineiro... Tornando-se mercadoria, o jardim perde o encanto, a graça... Perdendo a graça, reina a desgraça! Perde-se a paciência de se ouvir o que a linguagem, desde ela mesma, diz... Reinando a impaciência para ouvir, prevalece, ao mesmo tempo, a era da falação.

É preciso, pois, “... *retornar à verdadeira relação de soberania entre a linguagem e o homem*”. É preciso retornar à verdadeira relação de soberania entre o jardim e o jardineiro, vale dizer: o campo fecundo – o ser-aí, a abertura/boca. O jardineiro – o campo fecundo – não é dono do jardim... Antes, aquilo que tece e ilumina o jardim – o florescimento das flores – é que assume e destina o campo a ser aquilo que ele é: abertura fecunda para tudo aquilo que dali “floresce e desabrocha”!

Na medida em que o homem pertence à linguagem, ele deve voltar a ouvi-la. Mas vejamos: na medida em que pertence à linguagem, o homem está, sempre, na sua escuta! O que é preciso é um colocar-se à disposição para ser afetado por essa escuta, ou, é preciso “escutar essa escuta”. Mas, em que momento, ou, quando é que “escutamos essa escuta”?

### III

Em que momento, ou, quando é que escutamos essa escuta? Ora, conforme ressaltado, a escuta nos constitui. À revelia da nossa vontade, a dinâmica de realização de realidade nos requisita para sermos a abertura desde onde ela aflora. Quer dizer, estamos, sempre, nessa escuta – a ela, pertencemos. O que se pergunta é: quando é que “escutamos

essa escuta”, ou, quando é que deixamo-nos afetar pela dinâmica de realidade que, em nós, sempre se realiza? Pois bem: o que se quer dizer com dinâmica de realidade se realizando? O que é que se realiza nessa realidade, ou, o que é que a constitui?

Ora, a realidade é constituída por tudo o que se faz presente, dizível, isto é, por tudo o que é. E, tudo o que é, ou, tudo o que se faz presente, são os entes. Dinâmica de realidade se realizando, ou, o florescimento das “folhas da florescência” diz: dinâmica de entes se realizando, ou, se desvelando. Ao desvelar-se, o ente é iluminado por aquilo que sustenta o seu ser – a linguagem. Por isto, dissemos: o desvelar-se de todo ente possível dá-se a partir do campo aberto para o florescimento de tudo o que é. A questão é: quando é que o homem escuta isto que ele, sempre, já escutara? E mais: em que consiste esse “escutar aquilo que já se escuta”?

A partir de uma analogia com uma sensação corriqueira podemos nos aproximar do fenômeno em questão. Vejamos: o que sucede conosco quando, por ventura, nos atentamos para algo que, de alguma forma, já se encontrava, chapado à nossa frente, sem que, no entanto, o tenhamos percebido? Certamente, levamos um susto. A repentina aparição daquilo que, de alguma forma, já se fazia presente, sem que o víssemos ou soubéssemos, por um átimo, nos rouba o chão, deixando-nos “sem fundo”. Assim, também ocorre, com o fenômeno em voga. Quando o homem escuta ou deixa-se afetar por aquilo que já escutava, ele se assusta – sobressalta-se, espanta-se. Mas, o que é que o homem, sempre já escutara? O que o faz espantar-se? Já se disse: o homem está, sempre, na escuta do clamor da realidade nele se realizando, desvelando, acontecendo! Somente quando o homem disso se dá conta, é que ele acorda-se para aquilo que ele é! O homem é o campo fecundo desde onde as “flores da florescência” florescem, brotam, tecendo o jardim do mundo. Ele é o ente constituído pela abertura/boca desde onde florescem, rebentam, as palavras – as “flores da boca” – e, junto, os entes por elas nomeados. Os entes, até então velados, desvelam-se, apresentam-se... Os entes, sem mais nem menos, isto é, sem razão alguma, são. Isto que assim se dá, simplesmente – sem fundamento algum –, é a causa do espanto. Esse espanto deixa-se denunciar através de uma pergunta: “Por que há simplesmente o ente e não antes o Nada?” (HEIDEGGER, 1987, p. 50). No entanto, essa expressão não é uma pergunta que almeja por uma resposta. Ela é, muito mais, uma

exclamação, a manifestação de um espanto, sobressalto: como pode? As coisas, os entes, até então velados, aparecem, nascem, desvelam-se, afloram – são! Nesse aflorar dos entes, ele, o ser-aí, também aflora, também é. Quer dizer: ao auscultar esse nascer – aparecer – dos entes, o homem experiencia, concomitante, o seu próprio aflorar, o seu próprio nascer, aparecer. Junto aos entes, o homem co-nasce, co-aparece. O nascer/aparecer do jardim é, também, o nascer/aparecer do jardineiro! Nessa experiência de, junto aos entes, co-aparecer, co-nascer, o homem é tomado pelo “... pasmo essencial que tem uma criança se, ao nascer, reparasse que nascera deveras”... A imagem é de um verso retirado do poema de Alberto Caeiro que, por ora, muito nos diz:

“O meu olhar é nítido como um girassol.  
Tenho o costume de andar pelas estradas  
Olhando para a direita e para a esquerda,  
E de vez em quando olhando para trás...  
E o que vejo a cada momento  
É aquilo que nunca antes eu tinha visto,  
E eu sei dar por isso muito bem...  
Sei ter o pasmo essencial  
Que tem uma criança se, ao nascer,  
Reparasse que nascera deveras...  
Sinto-me nascido a cada momento  
Para a eterna novidade do Mundo...” (PESSOA, 1995, p. 204).

O homem é o ente que está, sempre, na escuta do vigor de realidade se realizando. Afinado a isto, ele se renova a cada instante, mantendo-se, sempre aberto “Para a eterna novidade do Mundo”. Em sua dimensão ontológica, realidade não é algo acabado. Realidade é um incessante realizando-se, ou um constante principiando-se. Por isto, o homem, aquele que ausculta esse “princiando”, ao dar-se conta disso, principia-se – renova-se – também. Não obstante a ordinária rotina que, superficialmente, perfaz o apresentar-se das coisas, o homem é capaz de, nesse momento de arrebatamento, vê-las como aquilo “... que nunca antes tinha visto”. Embriagado por esse “princiando” que o constitui, o homem se rejuvenesce e, assim, ganha a leveza de uma criança que sempre vê, na enfadonha e repetida brincadeira, a mesma graça. Diante da brincadeira repetida e ordinária, a criança solta a mesma gargalhada, como se visse, por detrás desse ordinário, “... um ineditismo extraordinário”.

O que se conquista, nesse instante de arrebatamento, não pode ser expresso por conceito algum. O que aqui ocorre é o acordar-se do homem para a dinâmica de realidade se realizando. Nesse âmbito, a linguagem conceitual não tem cidadania. Do que se fala, aqui, é a dinâmica de “*folhas da florescência vindas de koto*” ou sua excelência: a linguagem!

### Referências bibliográficas

FOGEL, Gilvan. *Conhecer é criar: um ensaio a partir de F. Nietzsche*. São Paulo: Editora UNIJUÍ, 2003.

\_\_\_\_\_. *Da Solidão Perfeita: escritos de filosofia*. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

HEIDEGGER, Martin. *A caminho da linguagem*. Tradução de Márcia Sá Cavalcante Schuback, Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2003.

\_\_\_\_\_. *A origem da obra de arte*. Tradução de Idalina Azevedo e Manuel Antonio de Castro. São Paulo: Edições 70. 2010.

\_\_\_\_\_. *Introdução à Metafísica*. 3. ed. Tradução de: apresentação de Emmanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1987.

\_\_\_\_\_. *Língua de tradição e língua técnica*. Tradução de Mário Botas. Lisboa: Passagens, 1995.

\_\_\_\_\_. *Serenidade*. Tradução de: Maria Madalena Andrade e Olga Santos. Lisboa: Instituto PIAGET, 1959.

\_\_\_\_\_. *Sobre a essência da linguagem: a metafísica da linguagem e a vigência da palavra: a respeito do tratado de Herder “Sobre a origem da linguagem*. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

\_\_\_\_\_. *Sobre o humanismo*. intr., trad., e notas de Emmanuel Carneiro Leão, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967.

\_\_\_\_\_. *Sobre o problema do ser/O caminho do campo*. Tradução de Ernildo Stein. Libreria Duas Cidades, 1969.

GUIMARÃES, Carlos Roberto  
Sobre linguagem: “folhas da florescência”!

---

PESSOA, Fernando. *Obra poética*. Organizadora: Maria Aliete Galhoz. Rio de Janeiro, Editora Nova Aguilar S.A., 1995.

Recebido em: Fevereiro de 2021  
Aprovado em: Abril de 2021